

Editorial

Neste décimo sexto número da *Revista PAULUS*, propomos aos leitores um percurso crítico pelas bordas e pelas fissuras da comunicação contemporânea, atravessada por crises epistêmicas, desigualdades estruturais e insurgências decoloniais. Os textos reunidos neste volume interrogam os modos como a comunicação pode ser instrumento de dominação ou prática de libertação, revelando tensões entre tecnologias hegemônicas e formas de resistência que desestabilizam a colonialidade do saber, do poder e do ser.

Abrimos a edição com “Comunicação, decolonialidade e a possibilidade de fazer-mundo”, de Reges Schwaab, Anna Júlia Carlos da Silva e Micael dos Santos Olegário. A partir de Malcom Ferdinand, os autores tecem um vigoroso chamado a repensar a pesquisa em comunicação por uma chave ecológica e decolonial. Enraizados na crítica ao Antropoceno e guiados pela ética da cidadania comunicativa, eles nos convidam a imaginar outras possibilidades de narrar o mundo, sem silenciar o passado colonial nem ignorar as lutas por justiça socioambiental.

Na sequência, Márcio Monteiro, em “Flyers digitais e a promoção de festas na cena musical LGBTQIAPN+ de São Luís”, nos leva ao território vibrante da produção cultural periférica. Explorando os rastros digitais de festas no Instagram, o autor mostra como a cena LGBTQIAPN+ da capital maranhense se afirma por meio de práticas criativas, disputando visibilidade e agência em uma economia de atenção que muitas vezes a marginaliza. Os flyers, mais que publicidade, são atos de presença.

O artigo de Guilherme Rocha da Silva, “Mentira, distorção involuntária e erro jornalístico”, traz à tona a complexidade da desinformação na era digital. Ao cruzar teorias clássicas da comunicação com a tipologia de Claire Wardle, o autor evidencia como o jornalismo, mesmo sem intenção, pode ser vetor de desinformação, especialmente por meio de práticas como o jornalismo declaratório. Uma reflexão urgente diante do crescimento da inteligência artificial generativa e da erosão da credibilidade pública.

Na análise crítica do consumo de luxo, Tamíris Abib, em “Os prazeres das experiências: os discursos do consumo simbólico da Gucci”, examina campanhas da marca italiana para revelar uma retórica do excesso e da liberdade como simulacro de autenticidade. O luxo é aqui entendido não apenas como estética, mas como dispositivo de distinção social e de produção de subjetividades ancoradas no gozo individualizado.

Cláudia Pacheco, em “O discurso sobre a aprendizagem do espanhol no Instagram”, investiga como perfis voltados ao ensino de línguas reproduzem uma racionalidade neoliberal. Transformando o espanhol em capital simbólico, esses discursos ocultam as tensões culturais do processo de aprendizagem, reforçando o sujeito empresarial como ideal pedagógico e diluindo as complexidades da linguagem sob promessas de leveza e eficiência.

Encerramos com a entrevista com Paola Ricaurte Quijano, que articula feminismos descoloniais e crítica da inteligência artificial. Ricaurte desvela os modos pelos quais a IA perpetua desigualdades estruturais, aprofundando a colonialidade dos algoritmos. Ao propor tecnologias comprometidas com soberania epistêmica e justiça socioambiental, a

autora convoca a despatriarcalização da IA como condição para a construção de futuros pluriversos.

Esta edição convida à desobediência epistêmica. Os textos aqui publicados desafiam as gramáticas hegemônicas da comunicação e sinalizam caminhos para práticas mais plurais, éticas e transformadoras. Agradecemos a todas e todos os autores, pareceristas e leitores que fazem desta revista um espaço de diálogo crítico, insurgente e comprometido com outros mundos possíveis – onde comunicar é também um modo de resistir e de refazer o mundo.

Desejamos a todos excelente leitura!